



“LÍNGUA” DE CAETANO VELOSO: UMA REFLEXÃO LINGUÍSTICA E LITERÁRIA SOBRE A LETRA DA CANÇÃO

“LÍNGUA” BY CAETANO VELOSO: A LINGUISTIC AND LITERARY THOUGHT ABOUT THE LYRICS

Édina Menegat Mecca¹ (UPF)
Cristiane de Oliveira Eugenio² (UPF)
Maritana Corazza³ (UPF)

RESUMO

Dispor-se a uma reflexão sobre as canções da Música Popular Brasileira pode ser, além de um exercício com fins linguísticos, uma forma de apropriar-se da cultura do país e de perceber implícitos que passam despercebidos quando se canta ou ouve a canção, simplesmente. Diante disso, propõe-se este trabalho cujo objetivo é apresentar uma breve reflexão, sob o ponto de vista linguístico e literário, da letra da canção “Língua”, de Caetano Veloso, um gênio da Música Popular Brasileira. Para tanto, sob o viés da literatura, toma-se como base os estudos de Carlos Reis (1997) acerca da linguagem literária, destacando aspectos como a intertextualidade e a polissemia. Já sob a perspectiva da linguística, leva-se em consideração, em especial, os estudos de Borba (2003) e Alkmim (2001), com relação à etnolinguística e à sociolinguística. A partir da análise de alguns trechos da canção, percebe-se que a letra pode ser considerada um texto literário e possui estreita relação com os conceitos da sociolinguística, o que faz com que se considere a obra como relevante objeto de estudo linguístico e literário. Trata-se de um texto com potencial para o desenvolvimento da leitura crítica, de forma a estimular a leitura das entrelinhas de outros textos também, sejam eles literários ou não.

Palavras-chave: Caetano Veloso. Linguagem literária. Sociolinguística.

ABSTRACT

The study of the lyrics of Música Popular Brasileira can be, besides an exercise with linguistic aims, a form of taking the culture of the country as one's own and of noticing the implicit that may not be noticed when one simply sings or listens to the song. Therefore, the aim of this article is to present a brief linguistic and literary analysis of the lyrics of the song “Língua”, by Caetano Veloso, a genius of Música Popular Brasileira. For this purpose, the studies of Carlos Reis (1997) about literary language are used as the base for the literary analysis, highlighting aspects such as intertextuality and polysemy. The studies of Borba (2003) and Alkmim (2001) are taken into consideration when it comes to the linguistic analysis, especially referring to etnolinguistics and sociolinguistics. From the analysis of some verses of the song, it is possible to notice that the lyrics can be considered literature and that it has close connection to the concepts of both sociolinguistics and etnolinguistics, what makes it a relevant object of study for both literary and linguistic aims. It is a text with great potential to develop critical reading, in order to encourage the reading of implicit in other texts of any kind.

Keywords: Caetano Veloso. Literary language. Sociolinguistics.

¹ Graduada em Letras pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI – Erechim e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo. edinamm@yahoo.com.br

² Graduada em Letras pela Universidade de Passo Fundo e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da mesma universidade. cris.e.prenda@hotmail.com

³ Graduada em Letras pela Universidade de Passo Fundo e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da mesma universidade. maricorazza23@hotmail.com



1 INTRODUÇÃO

Caetano Veloso é, indiscutivelmente, um gênio da música popular brasileira. Suas letras, contestadoras e envolventes, desafiam o leitor/ouvinte de suas canções à reflexão acerca de diversos temas atemporais, em textos que levam ao extremo a dimensão estética da língua. Apesar da obviedade de seu valor literário, percebe-se ainda uma certa resistência em incluir letras de canção, como as de Caetano Veloso, entre as obras de literatura a serem estudadas na escola. Talvez por uma questão cultural, que privilegia outros gêneros literários em detrimento da letra de canção, talvez por falta de conhecimento acerca das obras, que não permite ver a literariedade envolvida neste gênero. No entanto, é fato que a música popular brasileira tem muito a contribuir para os estudos literários, em especial a obra de Caetano Veloso que, desde 1960 representa uma mescla de cultura refinada com cultura de massa.

Sendo assim, este estudo apresenta uma breve reflexão, sob o ponto de vista linguístico e literário, da letra da canção “Língua”, de Caetano Veloso, com o objetivo de destacar o valor literário do texto, assim como ressaltar aspectos linguísticos tematizados na canção, relacionados principalmente à sociolinguística. Para tanto, sob o viés da literatura, toma-se como base os estudos de Carlos Reis (1997) acerca da linguagem literária, em especial no que se refere a aspectos como a intertextualidade e a polissemia. Já sob a perspectiva da linguística, leva-se em consideração, sobretudo, os estudos de Borba (2003) e Alkmim (2001), com relação à sociolinguística e também à etnolinguística.

O texto que segue apresenta duas seções teóricas, as quais descrevem as teorias linguísticas e literárias que embasam a reflexão, enquanto a quarta seção se destina à análise propriamente dita, em que se destacam trechos da letra da canção “Língua”, de Caetano Veloso”, relacionando-os com aspectos da etnolinguística e sociolinguística bem como da literatura, a fim de comprovar que o texto possui valor literário e também destaca estas áreas da linguística.

2 A ETNOLINGUÍSTICA E A SOCIOLINGUÍSTICA: ÁREAS DE PESQUISA INTERDISCIPLINAR



A linguística, tratando da linguagem humana e das línguas naturais, mantém também conexão com outras disciplinas, uma vez que a linguagem interessa a estudiosos de diferentes áreas. Borba (2003) destaca que o estudo do fenômeno linguístico sob o enfoque de outras disciplinas vem criando um campo de atuação e ação cujos resultados têm sido bastante proveitosos. Foi desta forma que áreas como a psicolinguística, a etnolinguística e a sociolinguística se estabeleceram como áreas de pesquisa interdisciplinar. A este estudo interessam, especialmente, as duas últimas.

Etnolinguística, antropologia linguística e linguística antropológica são as denominações que compreendem a aproximação entre linguística e antropologia. Seu campo de atuação é o das incontestáveis relações entre língua e cultura, sendo que as divergências ocorrem nas discussões acerca da natureza e do alcance dessas relações.

Segundo Borba (2003, p. 79), “uma síntese das relações entre a língua e a cultura costuma ser feita pela observação da maneira como a realidade é representada pela língua”. Cada grupo tem uma visão peculiar do mundo a partir da língua que utiliza. Por exemplo: ao que chamamos arco-íris, a língua inglesa utiliza o termo *rainbow*, que corresponde à união das palavras “chuva” e “arco”. Ou seja, nós focalizamos a relação do fenômeno com o espectro solar (íris), enquanto os eles o relacionam à chuva (rain). Trata-se de modos diferentes de analisar o mesmo fenômeno, a partir da língua. Assim, “a língua não é simplesmente instrumento de expressão de ideias, mas a própria modeladora dessas ideias: ela organiza a realidade e guia a atividade mental do indivíduo na análise de sua experiência com o mundo e com a vida” (BORBA, 2003, p. 80).

A partir dos estudos da etnolinguística, já não se pensa que língua e cultura agem uma sobre a outra. Busca-se, sim, estabelecer uma identidade de relações entre fatos linguísticos e culturais, ambos condicionados pelas necessidades da vida social, como lembra Borba (2003).

Sob um ponto de vista não tão distinto, trabalha a sociolinguística, a qual procura estudar a interação entre a língua e a sociedade que dela se serve, tomando, assim, a função social da linguagem como ponto de partida para sua análise. O termo sociolinguística surgiu em 1964 em um congresso organizado por William Bright (1974, apud Alkmim, 2001), o qual define a diversidade linguística como objeto de estudo da nova área.

Alkmim (2001) se refere ao objeto da sociolinguística como o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, em situações reais de uso.



Segundo a autora, “seu ponto de partida é a *comunidade linguística*, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos” (ALKMIM, 2001, p. 31, grifo da autora).

É importante ressaltar que qualquer comunidade linguística se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de falar, os quais, de acordo com a sociolinguística, são denominados variedades linguísticas. Repertório verbal, por sua vez, é como é chamado o conjunto de variedades linguísticas utilizado por uma comunidade. Alkmim (2001, p. 33) destaca: “Qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exhibe sempre variações. Pode-se afirmar mesmo que nenhuma língua se apresenta como uma entidade homogênea.”

Neste sentido, as variações podem ocorrer ao longo da história ou no plano sincrônico, sendo que, neste último caso, é possível descrever as variedades linguísticas a partir de dois parâmetros básicos: a variação geográfica (diatópica) e a variação social (diastrática). De acordo com Alkmim (2001), a variação geográfica está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas; já a variação social relaciona-se a um conjunto de fatores que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala, como classe social, idade, sexo, etc. As variações linguísticas relacionadas ao contexto (formal, informal, familiar, coloquial) são chamadas de variações estilísticas ou registros, os quais permitem que o mesmo falante diversifique a sua fala de acordo com as circunstâncias em que ocorrem as interações verbais.

Ou seja, língua e variação são inseparáveis e, de acordo com a sociolinguística, isto não pode ser encarado como um problema, mas como uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico. Neste sentido, a sociolinguística chama a atenção para o fenômeno do preconceito linguístico, resultado da tradição das sociedades ocidentais de eleger a “variedade padrão” da língua, a variedade prestigiada, que não por acaso corresponde àquela falada pela elite. Alkmim (2001, p. 42) afirma que “a homogeneidade linguística é um mito, que pode ter consequências graves na vida social.” Segundo a autora, os julgamentos sociais ante a língua na verdade se baseiam em critérios não linguísticos, são julgamentos de natureza política e social. Assim, aprende-se a variedade a que se é exposto, e não há nada de errado com essas variedades diferentes da padrão, mesmo que ela não corresponda àquela que é a mais prestigiada.



Borba (2003) menciona ainda a importante contribuição da sociolinguística no campo dos meios de comunicação de massa. Segundo o autor, esta área de estudo fornece os ingredientes e os macetes indispensáveis à eficácia da mensagem, a qual só atinge um grande número de receptores se for valorizada.

Outro problema social discutido pela sociolinguística é a unificação e a formação da consciência nacional pela língua, além da questão do analfabetismo, da adoção de línguas auxiliares internacionais, entre outras. Trata-se de uma rica área de estudos e não poderia ser diferente, uma vez que se propõe a analisar terrenos férteis e indissociáveis: a língua e a sociedade.

3 A LITERATURA E SUA LINGUAGEM

Para cumprir o objetivo a que se propõe – apresentar uma reflexão da letra da canção “Língua”, de Caetano Veloso – este trabalho exige também uma breve teorização acerca de alguns conceitos relativos à literatura, em especial no que tange à linguagem literária.

Para tanto, toma-se como base a obra “O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários”, de Carlos Reis (1997). Considera-se, inicialmente, a afirmação de Reis (1997) de que a condição institucional da literatura reparte-se em três âmbitos autônomos: uma dimensão sociocultural, uma dimensão histórica e uma dimensão estética.

Com relação às duas primeiras dimensões, de acordo com o referido autor, “as obras literárias revestem-se de um certo significado histórico-cultural, em conexão directa com a sua capacidade para dialogarem com a História, com a Sociedade e com a Cultura que as envolvem e envezadamente as motivam.” (REIS, 1997, p. 21). Sendo assim, a literatura pode ser entendida como instrumento de intervenção social, como prática constituída e definida em função de critérios sociais.

É a dimensão estética, no entanto, que merece um capítulo à parte na obra de Reis (1997), intitulado “A linguagem literária”. Segundo o autor, a criação literária constitui uma atividade intencional e finalística, o que faz da escrita literária um ato deliberadamente estético. Ou seja, ao escrever, o escritor não faz uma simples justaposição de termos aleatórios, ele escolhe cuidadosamente as palavras, trabalha o texto. Esta preparação mais cuidadosa faz com que o discurso literário seja um discurso mais elaborado do que os atos



conversacionais cotidianos e o torna um produto cultural dotado de certa estabilidade, como indica Carlos Reis (1997).

É importante lembrar, no entanto, que a literariedade, ou seja, as características específicas que permitem considerar um texto como literário, depende não só da intenção de quem escreve, mas também da leitura do receptor do texto literário. Desta forma, Reis (1997) destaca que a constituição da linguagem literária e do discurso que a configura “podem ser entendidos como resultado de um acto discursivo próprio, propondo a uma comunidade de leitores um texto que essa comunidade reconhecerá como texto literário” (p. 111). Além do mais, se faz relevante observar as situações de uso em que os discursos são lidos para se apurar a sua eventual literariedade. O que quer dizer que uma mesma frase pode ser literária ou não, dependendo do contexto em que ela foi veiculada: em um jornal ou em um romance, por exemplo.

A publicação do livro literário é insuficiente para determinar a literariedade do discurso, assim como elementos de natureza formal como as rimas, a métrica, as figuras de linguagem, por si sós não são suficientes para consagrar um texto literário. Segundo Reis (1997, p. 122): “só uma indagação sociocultural pode revelar se um texto há-de considerar-se, para uma certa época e por um certo público, literário ou não.”

Ainda de acordo com o referido autor, além de encontrar nos textos literários um espaço lúdico ou de aculturação estética por força das propriedades formais, o leitor também encontra neles as peculiares propriedades semânticas dos seus discursos. Dentre estas propriedades encontra-se a questão da ambiguidade, que, gerada pela polissemia, constitui um fator de enriquecimento semântico do discurso literário. Trata-se de um desafio ao leitor para apreender efeitos surpreendentes e sentidos múltiplos no discurso literário, parte de uma concepção de obra aberta, em que cabe ao leitor cooperar na reconstrução de formas e sentidos em aberto. Assim, o autor ressalta que

“enquanto linguagem específica, a linguagem literária não se reduz às potencialidades comunicativas e significativas da língua em que se expressa [...] a comunicação literária se desenvolve a partir da complexa interação de vários sistemas de signos.” (REIS, 1997, p. 133)

Resta destacar ainda um aspecto relevante para o presente trabalho que é a intertextualidade. Carlos Reis (1997), ao apontar as características do texto literário, afirma



que ele: configura um universo de natureza ficcional; evidencia uma considerável coerência; pode ser entendido também como entidade pluristratificada (construída por diversos níveis de expressão); e compreende uma dimensão virtualmente intertextual (é possível relacioná-lo com outros textos que com ele dialogam e nele se projetam).

Com relação à última característica, vale o esclarecimento de que a ideia se baseia em uma reflexão de Julia Kristeva (1969, apud Reis, 1997) sobre a obra de Bakhtin, a qual afirma que “Todo o texto constrói-se como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto.” (KRISTEVA, 1969, p. 146, apud REIS, 1997, p. 184). Conceito que o autor português complementa:

“o conceito de intertextualidade estabelece-se a partir de uma concepção dinâmica do texto literário, entidade situada num vasto universo textual (que abarca tanto os textos literários como os não literários), funcionando como espaço de diálogo, troca e interpretação constantes de uns textos noutros textos.” (REIS, 1997, p. 185)

Assim, com base nas teorias acerca da linguagem literária, que levam em conta principalmente as propriedades semânticas do discurso como ambiguidade e polissemia, bem como a ideia de intertextualidade, parte-se para a análise da letra da canção “Língua”, de Caetano Veloso, com o objetivo de comprovar a literariedade do texto em questão.

4 A LINGUÍSTICA E A LITERATURA EM “LÍNGUA”, DE CAETANO VELOSO

Na década de 1960, os jovens Caetano Veloso, Gilberto Gil, o grupo Os Mutantes e Tom Zé, começaram a se destacar nos famosos festivais de MPB realizados pela antiga TV Record, com uma linguagem verbal e musical completamente diferente daquela que predominava. O Tropicalismo, movimento artístico originário desse grupo, foi o último importante movimento cultural ocorrido no Brasil até o final do século XX.

Os tropicalistas partiam das inovações musicais introduzidas pela Bossa Nova e, ideologicamente, inspiravam-se nas ideias da antropofagia de Oswald de Andrade, buscando uma música que “deglutisse” ao mesmo tempo Os Beatles com suas guitarras elétricas, a Bossa Nova de João Gilberto, Vinícius de Moraes e Tom Jobim e o regionalismo de Luís Gonzaga, como lembram Cereja e Magalhães (2000).



Segundo o crítico Affonso Romano de Sant'Anna (2004), a música capitaliza a perplexidade do povo brasileiro ante o momento político pós-64 e passa a cumprir um papel que a poesia literária jamais poderia realizar. Os poetas passam a investir na música popular através de ensaios, poemas, participação em júris de festivais e por meio de catequeses teóricas. Assim, de acordo com Sant'Anna (2004), as escolas e universidades descobrem o texto da música popular como um produto a ser esteticamente analisado.

Dentre os tropicalistas, chama-se a atenção, neste trabalho, para a figura de Caetano Veloso. Em termos de identidade, Protta (2016), em sua tese de doutorado, recorre ao teórico Stuart Hall e classifica Caetano como “sujeito pós-moderno”, denominação atrelada à ausência de uma identidade una, fixa, essencial ou permanente que estaria ligada a componentes biológicos, mas sim ao caráter de diferentes identidades que se configuram historicamente, de acordo com as circunstâncias específicas dos mais variados cenários e épocas. Segundo Protta,

Ao analisarmos o comportamento tão singular adotado por Caetano, percebemos que este vai de encontro a esta categorização proposta por Hall, de modo a ser expresso por múltiplas e diferentes identidades assumidas nas mais diversas situações, e que também se desvelam de um modo bastante diversificado, por sua postura e comportamento, pelo que ele diz, as nuances de sua performance, mas sobretudo, por suas canções. (PROTTA, 2016, p. 23)

É este sujeito pós-moderno que lança, no ano de 1984, a canção “Língua”, parte de seu décimo sexto álbum: “Velô”. Trata-se de uma bela homenagem, não somente à língua portuguesa em si, mas também ao povo brasileiro. A música, segundo o próprio Caetano em entrevista à revista *Cult* no ano de 2001, nasceu da vontade de usar os procedimentos do *rap* como veículo, numa base inventada por ele e seus músicos, não uma reprodução do que faziam os americanos, o que conferiu mais liberdade para a poesia na música.

O que interessa, para esta análise, é a letra da canção transcrita abaixo, que, como texto escrito, pode ser considerada um texto poético, com valor literário, como se mostrará a seguir.

LÍNGUA

Gosto de sentir a minha língua roçar a língua de Luís de Camões
Gosto de ser e de estar

LÍNGUA E LITERATURA

TEORIA E ENSINO:

VOZES, LINGUAGENS, CONTEXTOS



E quero me dedicar a criar confusões de prosódia
E uma profusão de paródias
Que encurtem dores
E furtem cores como camaleões
Gosto do Pessoa na pessoa
Da rosa no Rosa
E sei que a poesia está para a prosa
Assim como o amor está para a amizade
E quem há de negar que esta lhe é superior?
E deixe os Portugais morrerem à míngua
"Minha pátria é minha língua"
Fala Mangueira! Fala!

Flor do Lácio Sambódromo Lusamérica latim em pó
O que quer
O que pode esta língua?

Vamos atentar para a sintaxe dos paulistas
E o falso inglês relax dos surfistas
Sejamos imperialistas! Cadê? Sejamos imperialistas!
Vamos na velô da dicção choo-choo de Carmem Miranda
E que o Chico Buarque de Holanda nos resgate
E – xeque-mate – explique-nos Luanda
Ouçamos com atenção os deles e os delas da TV Globo
Sejamos o lobo do lobo do homem
Lobo do lobo do lobo do homem
Adoro nomes
Nomes em ã
De coisas como rã e ímã
Ímã ímã ímã ímã ímã ímã ímã ímã
Nomes de nomes
Como Scarlet Moon de Chevalier, Glauco Mattoso e Arrigo Barnabé
e Maria da Fé

Flor do Lácio Sambódromo Lusamérica latim em pó
O que quer
O que pode esta língua?

Se você tem uma ideia incrível é melhor fazer uma canção
Está provado que só é possível filosofar em alemão
Blitz quer dizer corisco
Hollywood quer dizer Azevedo
E o Recôncavo, e o Recôncavo, e o Recôncavo meu medo
A língua é minha pátria
E eu não tenho pátria, tenho mátria
E quero fráttria
Poesia concreta, prosa caótica
Ótica futura
Samba-rap, chic-left com banana
(– Será que ele está no Pão de Açúcar?
– Tá craude brô
– Você e tu
– Lhe amo
– Qué queu te faço, nego?
– Bote ligeiro!

LÍNGUA E LITERATURA

TEORIA E ENSINO:

VOZES, LINGUAGENS, CONTEXTOS

- Ma'de brinquinho, Ricardo!? Teu tio vai ficar desesperado!
- Ó Tavinho, põe camisola pra dentro, assim mais pareces um espantalho!
- I like to spend some time in Mozambique
- Arigatô, arigatô!

Nós canto-falamos como quem inveja negros
Que sofrem horrores no Gueto do Harlem
Livros, discos, vídeos à mancheia
E deixa que digam, que pensem, que falem

(VELOSO, 1984)

Percebe-se que o texto é rico em termos de intertextualidade. Logo no primeiro verso, a letra faz menção a uma das maiores figuras da literatura portuguesa, o poeta Luís de Camões: “Gosto de sentir a minha língua roçar a língua de Luís de Camões”. E assim o faz, nos versos que seguem, com outras personalidades ligadas à literatura, como Fernando Pessoa e Guimarães Rosa (“Gosto do Pessoa na pessoa / gosto da rosa no Rosa”), também faz referência à ícones da cultura brasileira, a exemplo de Carmem Miranda e Chico Buarque de Holanda (“Vamos na velô da dicção choo-choo de Carmem Miranda / E que o Chico Buarque de Holanda nos resgate”), e da própria escola de samba Mangueira (“Fala, Mangueira! Fala!”).

Ao citar todos estes nomes em sua canção, o sujeito poético⁴ traz para este texto os discursos destes outros sujeitos citados. Como lembra Reis (1997, p. 190), a aceitação do conceito de intertextualidade “permite encarar o texto literário não de um ponto de vista imanente, como entidade fechada sobre si mesma, mas como elo de uma cadeia de produção dialógica.” Assim, a intertextualidade, prova primeira de que a letra é um texto literário, exige do leitor o resgate de seu conhecimento prévio acerca do discurso destas personalidades e, só assim, poderá completar o sentido da letra da canção: somente sabendo que Luís de Camões foi um célebre poeta português é que o leitor entende que “Gosto de sentir a minha língua roçar na língua de Luís de Camões” se refere ao prazer de falar a língua portuguesa, mesma língua com que Camões escreveu suas reconhecidas obras.

O mesmo trecho pode justificar a presença de polissemia no texto, outra característica que prova a literariedade da letra da canção. O sujeito poético constrói o primeiro verso da canção de modo que a palavra “língua” pode ser lida tanto como o órgão muscular situado na

⁴ Por considerar de antemão que a letra da canção é um texto poético, na presente reflexão trata-se a voz que se expressa no texto como “sujeito poético”.



cavidade bucal, já que é possível atribuir a este órgão a ação de “roçar”, tanto como pode ser entendida como o conjunto das palavras e expressões usadas por um povo ou grupo social.

Ainda atentando ao primeiro verso, ao diferenciar “minha língua” da “língua de Luís de Camões”, o sujeito poético trata de uma questão relacionada à sociolinguística. Embora tanto ele quanto o poeta português utilizem ambos a língua portuguesa, aquela que ele chama de “minha língua”, a língua falada no Brasil, utilizada por ele na contemporaneidade não é a mesma “língua de Luís de Camões”, falada em Portugal, há quinhentos anos. Trata-se de uma evidência de variação linguística tanto no plano diacrônico (depois de quinhentos anos, já não se fala mais o português que se falava na época de Camões), quanto no plano sincrônico, onde fica evidenciada a variação geográfica (a língua portuguesa falada no Brasil é diferente da falada em Portugal, em termos de fonética, léxico e gramática). Logo, embora ambos utilizem o português em seus textos, sujeito poético e Luís de Camões não falam a “mesma” língua, uma apenas “roça” na outra.

Sem sair do primeiro verso, já foi possível encontrar elementos linguísticos e literários que comprovam o alto grau literariedade do texto e sua relação com a sociolinguística. É o segundo verso, no entanto, que evidencia a relação da letra da canção com a etnolinguística. Ao afirmar “Gosto de ser e de estar” o sujeito poético faz referência, possivelmente, à língua inglesa, a qual expressa as duas condições, (ser e estar) com um só verbo, o verbo *be*. Desta forma, para os falantes da língua inglesa, não há distinção entre estes dois vocábulos: *I am happy* pode significar tanto “eu sou feliz” quanto “eu estou feliz”, o que faz observar que a maneira como a realidade é apresentada pela língua inglesa é diferente da maneira como se realiza pela língua portuguesa, como explica a etnolinguística. Logo, em inglês é impossível “ser e estar”, é somente possível “*be*”, fato que o sujeito poético utiliza para enaltecer o valor da sua língua perante outras. Por se tratar de um verbo estudado tradicionalmente à exaustão logo nas primeiras lições de inglês para estrangeiros, pode-se pensar também, em uma leitura mais profunda, que o sujeito escolhe este exemplo, relativo à língua inglesa e não a outras, para estabelecer uma crítica à língua da globalização e do capitalismo.

Outro trecho que merece atenção é o verso “Minha pátria é minha língua”. Antes de mais nada, é importante lembrar que a expressão é uma metáfora, uma vez que o sujeito poético estabelece uma relação de semelhança entre pátria e língua. A presença de figuras de linguagem como esta, reforçam a literariedade do texto. Além disso, as aspas deixam claro



que se trata de mais um exemplo de intertextualidade, relativa à afirmação semelhante de Bernardo Soares (heterônimo de Fernando Pessoa): “Não tenho sentimento nenhum político ou social. Tenho, porém, num sentido, um alto sentimento patriótico. Minha pátria é a língua portuguesa.” (SOARES, 1982, p. 16-17) Assim, por meio de metáfora e intertextualidade o sujeito poético aborda mais um dos temas de estudo da sociolinguística que é a formação da consciência nacional pela língua.

O sujeito poético volta a abordar este assunto em outra estrofe quando afirma: “A língua é minha pátria / E eu não tenho pátria, tenho mátria / e quero frátria”. Em meio a neologismos como mátria e frátria, se faz uma denúncia à visão machista da sociedade – que designa o termo pátria, com prefixo relativo ao masculino (pai), para referir-se ao país onde nasceu – e um novo termo é sugerido, numa perspectiva feminina: “mátria”. Por fim, o sujeito poético despreza ambos os termos, preferindo “frátria”, em referência à fraternidade em que os diferentes povos deveriam conviver.

É no refrão que fica claro o poder da língua: o questionamento “O que quer / o que pode esta língua?” faz refletir sobre o poder que é exercido por meio das palavras bem trabalhadas em um discurso persuasivo. Da mesma forma, pode-se pensar nas diferentes variedades linguísticas: se “uma variedade linguística vale o que valem na sociedade os seus falantes” (GNERRE, 1985, apud ALKMIM, 2001, p. 39) é pertinente o questionamento – o que quer, o que pode e, indiretamente, o que ‘vale’ esta língua?

Outro ponto que chama a atenção na letra da canção é, sem dúvida, os exemplos de variedades linguísticas, momento em que o sujeito poético dá voz aos diferentes sotaques e às diferentes escolhas de léxico e de sintaxe da língua portuguesa. O “falso inglês relax dos surfistas” mencionado no início da letra é exemplificado em “Tá craude brô”, demonstrando uma variedade diastrática, relacionada à comunidade de fala dos praticantes de surf. “Ma’de brinquinho, Ricardo!? Teu tio vai ficar desesperado!” é um exemplo da “sintaxe dos paulistas” e também do sotaque deles, principalmente se considerada a versão cantada da canção, o que caracteriza uma variação diatópica, uma vez que esta fala é típica de um estado do Brasil. Outra variação diatópica é exemplificada em “Ó Tavinho, põe camisola pra dentro, assim mais pareces um espantalho!” fala reconhecidamente do português de Portugal, denunciada principalmente pelo léxico: o uso do vocábulo “camisola” para designar o que



chamamos no Brasil de “camisa”, causa estranhamento entre os falantes de “português brasileiro”.

Na mesma perspectiva de análise, “Você e tu” é exemplo clássico de variação linguística diastrática (relacionada principalmente à idade e à situação ou contexto social), mas também de variação diatópica (se considerada a preferência pelo pronome “tu” no sul do Brasil, em contraste com a utilização do você no sudeste, por exemplo). Até mesmo outras línguas, ensinadas como língua estrangeira ou faladas por imigrantes em nosso território, são lembradas nos trechos “*I like to spend some time in Mozambique / Arigatô! Arigatô!*”. Têm-se, enfim, uma verdadeira aula de sociolinguística neste trecho da letra, que é a própria exaltação da diversidade linguística.

Em suma, tem-se em “Língua”, de Caetano Veloso, um texto de grande valor literário, que retrata a língua portuguesa como entidade heterogênea, tal como os estudos da sociolinguística. Considerando o ano em que a música foi lançada, 1984, percebe-se que a data coincide com o momento em esta área da linguística se firmava no campo científico. O tema da língua e suas variações, no entanto, continua pertinente nos dias de hoje, o que torna a letra da canção atemporal. Como postula Alkmim (2001, p. 42), “A não aceitação da diferença é responsável por numerosos e nefastos preconceitos sociais e, neste aspecto, o preconceito linguístico tem um efeito particularmente negativo.” Assim, pode-se considerar o texto como instrumento de intervenção social, uma vez que, ao exaltar as diferenças e mostrar que a língua está longe de ser uma entidade homogênea, ele refuta qualquer forma de intolerância linguística.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo apresentou uma breve reflexão, sob o ponto de vista linguístico e literário, de alguns trechos da letra da canção “Língua”, de Caetano Veloso, com o objetivo de destacar o valor literário do texto, assim como ressaltar aspectos linguísticos tematizados na canção.

Observou-se a estreita relação entre o texto e áreas de estudo da linguística como a sociolinguística e também a etnolinguística, uma vez que o tema da diversidade na língua portuguesa tem destaque na canção. Da mesma forma, comprovou-se o valor literário da letra



de Caetano, que apresenta linguagem literária, caracterizada em especial, nos trechos analisados, pela presença de polissemia e intertextualidade, além de constituir-se como um instrumento de intervenção social ao ressaltar a heterogeneidade da língua portuguesa.

A partir deste breve trabalho de análise, parece clara a relevância da letra da canção “Língua” como objeto de estudo linguístico e literário, sendo que este profícuo gênero, por seu valor estético e sócio-histórico, deveria merecer mais atenção nas aulas de língua e literatura. A exemplo desta, muitas canções de Caetano Veloso e também de outros “poetas” da música popular brasileira são verdadeira poesia cantada.

Considerando, por um lado, a breve extensão do trabalho proposto e, por outro, a letra extensa e repleta de elementos linguísticos e literários, optou-se por destacar e comentar apenas alguns trechos mais relevantes do texto. Sugere-se, no entanto, que, em trabalhos futuros, se aprofunde a análise da letra, em especial no que se refere à intertextualidade, elemento marcante na canção e definitivo para a apreensão do sentido do texto.

Por fim, assim como acontece com o estudo de qualquer obra literária, dispor-se a uma reflexão sobre as canções da música popular brasileira é não só um exercício com fins linguísticos, mas também uma forma de se apropriar da cultura do país, de perceber implícitos que passam despercebidos quando simplesmente se ouve ou se canta a canção. É uma prática que treina a leitura crítica, para que se possa ler também as entrelinhas de outros textos, literários ou não.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In BENTES, Anna Christina; MUSSALIM; Fernanda (org.). *Introdução à Linguística*. São Paulo: Cortez, 2001.

BORBA, Francisco da Silva. *Introdução aos estudos linguísticos*. Campinas, SP: Pontes, 2003.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Literatura brasileira*. 2. ed. São Paulo: Atual, 2000.

PROTTA, Felipe Pupo Pereira. *Caetano Veloso: um camaleão na cena cultural brasileira contemporânea*. 2016. 206 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP, 2016.

REIS, Carlos. *O conhecimento da literatura: Introdução aos estudos literários*. Almedina, Coimbra, 1997.



SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Música popular brasileira e moderna poesia brasileira*. *Música popular e moderna poesia brasileira*. 4.ed. São Paulo: Landmark, 2004.

SOARES, Bernardo. *Livro do Desassossego*. Lisboa: Ática, 1982.

VELOSO, Caetano. *Língua*. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/caetano-veloso/44738/>>. Acesso em: 21 jul. 2017.